

**O MUSEU COMO ESPAÇO EDUCACIONAL:  
UM OLHAR SOBRE O INSTITUTO RICARDO BRENNAND**

Poliana Freire Silva – UFPE

**RESUMO:**

O presente artigo analisa a estrutura organizacional do setor educativo existente no museu de Arte e História, Instituto Ricardo Brennand. A análise foi realizada através das ações educativas elaboradas pelo referido setor, refletindo como o Instituto tem atuado junto à educação escolar. Para a coleta dos dados foram feitas entrevistas semi-estruturadas, questionários e observações, que nos permitiram constatar que são oferecidas formações continuadas para professores escolares bem como diversos projetos que atendem as diferentes modalidades de ensino escolar. Consideramos, portanto que a existência do setor educativo é de grande importância para o Instituto, pois são as propostas educativas formuladas por ele que concretizam um efetivo diálogo entre as obras expostas e o público.

**PALAVRAS-CHAVE: Museu; Espaço Educacional; Instituto Ricardo Brennand.**

**INTRODUÇÃO**

Museus são instituições testemunhas do tempo, existem há séculos e são vistos por muitos como espaços de memória que guardam em seus objetos fragmentos do passado. Porém, nesta pesquisa, afirmamos a idéia vigente de que além de serem espaços para a coleta e guarda de objetos antigos, os museus são potentes instituições de reflexão social através de seus objetos e documentos que são vestígios do passado, mas que também dizem muito do presente. Nesta perspectiva tivemos como objetivo a análise da estrutura do setor educativo do Instituto Ricardo Brennand, museu de Arte e História situado no Recife. Focalizamos a estrutura organizacional e as ações do setor que é chamado Ação Educativa e observamos de que maneira o Instituto tem atuado junto à educação escolar.

Acreditamos que este artigo terá relevância, em especial, para professores escolares, pois muitas vezes são estes que necessitam de um maior preparo antes da

visitação com seus alunos. Por isso acreditamos que é imprescindível a realização e a divulgação de estudos a respeito da estruturação educativa e da relação museu-escola.

A escolha do tema nos surgiu primeiramente por acreditarmos que o aprendizado pode ocorrer nos mais diversos espaços educativos, não sendo a escola o único local de educação e o professor o seu único praticante (BRANDÃO, 1995, p. 10). Outro fator que nos fez optar pela temática foi a concepção prévia de que o museu não é espaço morto, mas sim espaço vivo e dinâmico, que é constituído através de uma ação diária (LOURENÇO, 1999, p. 17). Foi através desta ação dinâmica e diária procuramos analisar as propostas de atividades educacionais do Instituto Ricardo Brennand às escolas.

## MUSEU E ESCOLA: DISTINÇÕES E SEMELHANÇAS

Estudos voltados para o campo dos museus como espaços educacionais têm sido mais enfatizados nos últimos anos. Estas pesquisas que relacionam museu e educação, muitas vezes analisam o tema afirmando a necessidade de uma desescolarização dos museus<sup>1</sup>, ou seja, da não “incorporação pelos museus das finalidades e métodos do ensino escolar” (LOPES, 1991, p. 449). Para melhor elucidar a temática e, assim, compreendermos os museus e as escolas em suas diferenças, buscamos algumas definições. A respeito da escola acreditamos que:

O que, como se aprende e o tempo para aprender são determinados pelas rotinas pré-estabelecidas. Aos professores e estudantes, em sua maioria, cabe executá-las e essas rotinas são consideradas fundamentais para que a relação ensino-aprendizagem se desenvolva com sucesso (GOUVÊA, apud. MARANDINO, 2000, p. 201).

Com isso percebemos que na escola as situações são muitas vezes previsíveis e estão sempre dispostas numa rotina pré-estabelecida. Já o museu, acreditamos que seja uma:

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade (ICOM, 2001).

---

<sup>1</sup> Para um maior aprofundamento do tema, ver Lopes (1991).

Percebemos com isto o quanto é ampla a possibilidade de utilização dos museus, não cabendo ser utilizado somente para complementação dos conteúdos curriculares das escolas. A sua proposta educativa é diferente da proposta educativa escolar. Nos museus a base está na observação dos objetos assumindo como primordial a linguagem visual<sup>2</sup> ao invés da verbal. Portanto, acreditamos que é possível a existência de experiências de ensino e aprendizado nos museus. Experiências que têm suas peculiaridades em métodos e estratégias, mas que são capazes de ir além da mera complementaridade do ensino escolar (ALMEIDA, 1997, p. 51).

O que nos faz concordar com a existência de uma cultura museológica e uma cultura escolar particulares, que apesar de terem semelhanças se diferenciam através das atividades baseadas em metodologias próprias (MARANDINO, 2000). No caso dos museus, estas metodologias partem do referencial que se situa nos objetos (SANTOS, 1997).

Acreditamos que os museus são espaços ainda pouco conhecidos, com isto surge a necessidade do professor participar de formações para atuar de maneira consciente no museu e apresentá-lo aos seus alunos como um interessante espaço educativo.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para analisar a estruturação e as ações educativas do Instituto Ricardo Brennand, o presente artigo teve duração de nove meses e foi baseado em uma abordagem qualitativa, que possibilitou uma riqueza em detalhes descritivos, a realização de um plano aberto e flexível, que focalizou a realidade de forma complexa e contextualizada (LÜDKE, 1986).

Por se tratar da análise de uma situação específica, esta pesquisa é caracterizada como um Estudo de Caso, que por sua vez “é o estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular, levando a entender sua atividade dentro de importantes circunstâncias” (STAKE apud. ANDRÉ, 2005, p. 18)

Como coleta de dados foram realizadas quatro entrevistas semi-estruturadas, aplicados dois questionários e realizadas observações.

---

<sup>2</sup> Sendo mais recentemente utilizada, em alguns museus, a linguagem sensorial.

## A AÇÃO EDUCATIVA DO INSTITUTO RICARDO BRENNAND

Na presente seção de análise descrevemos o surgimento da Ação Educativa e as concepções teóricas que regem este setor no que se refere à educação em museu.

O surgimento da Ação Educativa esteve ligado ao Instituto desde o seu início, pois já em sua abertura, ocorrida em 2002, com a grande exposição de Albert Eckhout, foram enfatizadas principalmente a formação de professores e a formação dos mediadores culturais que atenderiam à grande demanda de público.

Quando perguntado à Coordenadora Geral da Ação Educativa do Instituto o que o setor educativo compreende por educação em museu foi respondido que:

É uma ação que potencializa o acervo do Instituto, ou acervo dos museus [...] pra entrar em diálogo com os públicos visitantes [...]. O que significa [...] acionar do ponto de vista simbólico, lingüístico e cultural, histórico-cultural, a potência da obra e estabelecer diálogos com o público. (Coordenadora Ana)

Além deste ponto, a concepção de educação em museu da Ação Educativa foi também definida por Ana como possibilidade de ampliação do universo cultural dos públicos. Segundo a mesma, a Ação Educativa acredita que quanto mais acesso as pessoas têm aos bens culturais mais o universo cultural do indivíduo se expandirá. Especificamente com os professores, de acordo com Ana, essa ampliação do universo cultural entra para a vida pedagógica do professor, modificando a sua atuação na sala de aula, mas mudando também a sua forma de vestir, a forma como ele se vê no mundo e o que ele passa a ler.

Acreditamos que esta ampliação cultural e estas modificações interiores se devam também à identificação do indivíduo com os bens culturais, o que nos remete à questão da memória, pois esta também é “um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*<sup>3</sup>, individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 1984).

Em suma, percebemos que as conceituações a respeito de educação em museu da Ação Educativa do IRB condizem com o que afirmam os teóricos da área como: Grispum (2000), Almeida (1997), Almeida & Vasconcellos (1998), Allard (1994). Estes autores, entre tantos outros, defendem a ação educativa em museus como sendo uma

---

<sup>3</sup> Grifo do autor.

ação que amplia as possibilidades de aprendizado e desenvolvimento, aproveitando pedagogicamente os acervos, a fim de que o visitante acentue seu espírito crítico em relação à sua realidade e daqueles que estão à sua volta (ALLARD, 1994; ALMEIDA, 1997).

## ATIVIDADES PEDAGÓGICAS REALIZADAS PELA AÇÃO EDUCATIVA

As atividades realizadas pela Ação Educativa estão divididas em dois Núcleos: o Núcleo de Formação e o Núcleo Pedagógico. O primeiro está mais ligado às atividades oferecidas para o público em geral, enquanto o segundo está ligado ao universo escolar, motivo pelo qual será este Núcleo o objeto de nossa análise.

O projeto *Pequenos no Museu* tem como objetivo a atuação de professores e mediadores do Instituto junto às crianças da Educação Infantil. Este é um público que, de maneira geral, recebe pouca atenção dos setores educativos nos museus e pela ausência de diálogo e abertura para este público, o Instituto o realiza. As formações ocorrem uma vez por mês no Instituto e neste dia, além dos debates e trocas de experiências, os professores recebem tarefas que deverão ser executadas nas creches e escolas. No decorrer do mês, enquanto realizam as tarefas propostas, os professores se comunicam com a Ação Educativa via e-mail e registram as atividades realizadas com os alunos nos seus diários. No dia da formação no Instituto, a Ação Educativa dá retorno quanto às dúvidas e comentários passados via e-mail pelos professores.

No projeto *Museu e Escola Compartilhando Conhecimentos* as formações são focadas nos professores do Ensino Fundamental (1ª a 9ª séries) e Ensino Médio. É uma formação que orienta para o agendamento (o que agendar, como agendar e por que agendar) e para o acervo do Instituto.

Analisando estas atividades e a importância educacional que elas assumem, percebemos que o Instituto Ricardo Brennand cumpre com o que tantos estudiosos apontam como necessidade: a realização de diálogos com a escola e principalmente a formação dos professores, o que possibilita que eles tenham uma melhor utilização dos recursos educativos do museu. A esse respeito nos confirma Almeida (1997, p. 55):

As relações entre instituições de ensino formal, e de ensino não formal, como os museus, podem ser muito profícuas, caso seus profissionais de educação (professores e educadores de museus) estabeleçam canais de comunicação para troca de programas de ação educativa.

Reforçando a idéia, Grispum (1998, p. 62) diz que:

Os professores que não são especialistas, principalmente os de Educação Infantil e Ensino Fundamental, buscam este tipo de curso não apenas para ajudá-los em sala de aula, mas porque necessitam ampliar seus conhecimentos em áreas de difícil acesso nos espaços escolares.

Através das falas destas autoras é perceptível que a proposta de formação continuada para professores, oferecida continuamente pelo Instituto, é de grande valia para alunos, professores e para a escola em geral. Ações que favoreçam a percepção do museu não apenas como espaço de complementação das atividades, mas também como espaço de ampliação da cultura, é ação enriquecedora para a sociedade como um todo.

No projeto *Manhãs Culturais no IRB* são realizadas oficinas com grupo de visitantes escolares. O Instituto abre no período da manhã, exclusivamente para a escola que faz o agendamento e o professor que faz a solicitação planeja com a Ação Educativa a temática a ser trabalhada. Além da oficina é realizada a visitação com um percurso específico diante da temática solicitada.

Para atender de maneira diferenciada o grande público da tarde, foi pensado no *Laboratório de Resposta Poética* que consiste na realização de um encontro poético dos alunos com uma obra, sendo a partir daí solicitada uma resposta poética que pode ser dada através da fotografia, da música ou de uma leitura dramática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de educação no museu, mesmo diante de sua trajetória histórica, ainda é um desafio constante, seja no Instituto Ricardo Brennand como em diversas outras instituições. É cercada da necessidade de reflexão social, de reflexão do papel social do museu através, por exemplo, da seleção das peças a serem exibidas ou através de sua atuação educacional diante da sociedade.

Para a realização das modificações de atitude e pensamento no indivíduo que visita o museu, acreditamos na importância da existência de um setor educativo que tenha concepções atuais a respeito de educação em museus e que busque uma relação de parceria com diversos setores da sociedade, dentre eles, a escola. Lembrando sempre que para ser educativo, o museu precisa ser espaço de cultura e não um museu educativo (SANTOS, 1997).

A potencialização da educação em museus ocorre quando o cotidiano escolar está mais nítido para o profissional do museu (FREIRE, 1992, p.119). Para que isto ocorra, o Pedagogo, que deve também atuar neste espaço, pode trazer o conhecimento a respeito da escola para o espaço museal. Com isso, reforçamos a importância de ocasiões em que sejam realizados diálogos para conhecimento de expectativas e para uma conseqüente melhoria da atuação dos museus na educação social.

Diante do exposto, consideramos que a existência da Ação Educativa é de grande importância para o Instituto Ricardo Brennand, pois são as propostas formuladas pelo setor que concretizam um efetivo diálogo entre o Instituto e o público e entre as obras e o público.

## REFERÊNCIAS

ALLARD, Michel; BOUCHER, Suzanne; FORESTER, Lina. *The Museum and the School*, 1994.

Disponível em: <http://www.unites.uqam.ca/grem/pdf/the-museum-and-the-school.pdf>

Acesso em: 16/03/2008.

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. In: *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo: Eca/USP. Moderna. Ano III – nº. 10 set/dez – 1997. pp. 50-56.

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. In: BITTENCOUT, Circe. (org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto. 1998. pp. 104-116.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazos Afonso de. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FREIRE, Beatriz. *Encontro Museu/escola: o que se diz e o que se faz*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: PUC, 1992.

GRISPUM, Denise. A formação do educador e o museu. In: *Pátio: revista pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas, ano I, n.º. 4, fev./abr. 1998.

\_\_\_\_\_. *Educação para o Patrimônio: museu de arte e escola. Responsabilidade compartilhada na formação de públicos*. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 2000.

ICOM (Conselho Internacional de Museus). *Definição aprovada pela 20ª Assembléia Geral*. Barcelona, Espanha, 6 de julho de 2001.

Disponível em: [http://www.museus.gov.br/oqueemuseu\\_museusicom.htm](http://www.museus.gov.br/oqueemuseu_museusicom.htm)

Acesso em: 25/04/2008.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. Enciclopédia Einaudi. Vol. 1 - Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984.

LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos museus. In: *Educação e Sociedade*. n.º.40, dez, 1991. pp. 443-454.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Museus acolhem o moderno*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LÜDKE, Hermengarda Alves Ludke Menga. ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo de. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARANDINO, Marta. Museu e escola: parceiros na educação científica do cidadão. In: CANDAU, Vera (org.). *Reinventar a escola*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

SANTOS, Magaly de Oliveira Cabral. *Lições de coisas ou canteiro de obras: através da metodologia baseada na Educação Patrimonial*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PUC, 1997.